

ESPECIAL

Francisco Serrano, o homem que subiu a serra e viu o Progresso

>> Rosi Oliveira
Especial DS

O Memória de hoje começa de um jeito diferente. Foram vários e vários contatos em busca de pessoas que pudessem nos ajudar a homenagear nossa ilustre personalidade. Os Memórias acontecem de forma sobrenatural, rsrsrs. Quan-

do busco uma família já levo minha lista de ainda não encontrados (homenageados) e pergunto se as pessoas com que estou conversando conhecem. E quase sempre isso acontece. Para esse, entrei em contato com Carlos Tayano em busca de fazer a homenagem com seus parentes, o que acontecerá no próximo. Então lhe

perguntei sobre nosso homenageado. Ele me informou e me repassou o celular de um neto, Fabiano (bombeiro em Tangará). Fiz então contato com Fabiano que me repassou o número de uma neta do senhor de que falaremos, Olivia, mas infelizmente não obtive êxito. Voltei então, a buscar contato com Fabiano, rsrsrs (me sinto

uma detetive ao fazer o Memória), que me repassou os telefones de uma prima, uma neta e uma filha, sendo, Geni, Isabel e Rosa. Após várias tentativas consegui contato com Rosa, delícia de pessoa, diga-se de passagem, que se prontificou em contar a história de seu pai, Francisco Serrano, uma das pessoas mais conhecidas do Distrito

de Progresso e que foi um dos pioneiros do lugar.

Lembram-se que no início eu disse que esse seria diferente? Pois bem, Dona Rosa não conseguiu precisar as datas específicas da vida do pai. Sendo assim, o Memória de hoje será contado sob a ótica de Rosa, com fatos de quando ela já era uma adolescente

e mudaram-se para o Progresso.

Segundo a entrevistada, a família era bastante humilde, composta pelo pai, nosso homenageado, a esposa Augustinha e os filhos, Benito, Geraldo, Laura, Rosa, Paulo, Cecília, Aparecida, sempre trabalhou na roça plantando arroz, milho feijão e tudo que a família necessitasse.

GUERREIRO

Um patriarca fora do comum. A alegria em pessoa



Casa construída por Francisco, onde a família se abrigou saindo de debaixo da lona

Rosa lembra-se apenas da fase em que a família residia em Tupã, São Paulo e através de um senhor, Geraldo Caolho, que comprava mercadorias lá e trazia para revender aqui ficaram sabendo de Tangará da Serra. “Meu pai ficou sabendo porque esse homem vinha vender

umas coisa aqui, mas ele só chegava ate o pé da serra e voltava para trás. Então meu pai veio com ele (o vendedor), subiu a serra e já gostou daqui. Quer dizer, do Progresso”, conta Rosa, sorrindo deliciosamente das lembranças. “Ele veio sozinho, nós ficamos, quando voltou, disse

que tinha pego umas terras de um senhor para plantar (não lembra o nome do senhor). Então arrumamos tudo para mudar para cá”, lembra.

Quando Francisco anunciou a mudança, uma das filhas que já namorava, fugiu de casa, para não vir para um local desconhecido,

mas depois acabou por acompanhar a família.

“Viemos num caminhão, que deixou a nossa mudança ali no pé da serra. O pai da Dona Josefa que já morava aqui pegou o carrinho de mão foi nos encontrar na estrada. Meu pai vinha com um facão abrindo a estrada que era um

A Homenagem



Depois disso passou a concertar sapatos e com 76 anos faleceu. “Ele era novo. Morreu jovem. Levantou, lavou o rosto e sentou e foi deitando e morreu. Acho que foi um infarte”. Francisco foi um dos Pioneiros de Progresso, onde os moradores ainda nos dias de hoje se lembram dele

com muito carinho. Por ter dedicado parte de sua breve vida ao distrito, o Poder Público em reconhecimento aos seus grandes feitos e pela família grandiosa e amada que deixou, denominou a rua aos fundos da igreja como, Rua Francisco Serrano, eternizando seu nome no local.

trilheiro. E nós viemos felizes com a mudança nas costas”, lembra, feliz demais. “Aqui tinha só duas famílias. Minha filha, aqui não tinha carro, nem caminhão. Não tinha nada. Era bruto mesmo. Quando fomos para a fazenda que ia cuidar, não tinha nem água para beber. Entramos na mata para procurar mina e depois meu pai afundou um poço”.

Segundo Rosa a dificuldade era muito grande, mas valia a pena. “Depois meu pai foi tirar madeira, tabuinha, lasca para fazer a casa. Era cada brecha que de um lado via o outro, mas agente punha lençol para tampar”, sorri.

Francisco chegou aqui já com 45 anos e já não trabalhava tao severamente na terra por causa da idade.

Certo dia, quando trabalhava, uma árvore despençou e atingiu uma das pernas de Francisco, que demorou a ser socorrido porque não tinha medico no lugar. “Aqui só tinha o seu Erotides fez os primeiros socorros e encaminhou para Cuia-bá onde foi ingessada, mas com a demora ele teve gangrena. Voltou para casa e gritava de dor. Levou de volta e teve que cortar a perna dele, o que deixou meu pai muito triste e revoltado”.

PROJETO MEMÓRIA
COLETÂNEA DE REPORTAGENS PUBLICADAS NO DIÁRIO DA SERRA SOBRE TOPÔNIMOS TANGARÁENSES
REALIZAÇÃO
Diário da Serra
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

APOIO

